

NOTÍCIAS DA LANCHÇA

ORGÃO INFORMATIVO DA CONSTRUÇÃO DA LANCHÇA POVEIRA DO ALTO

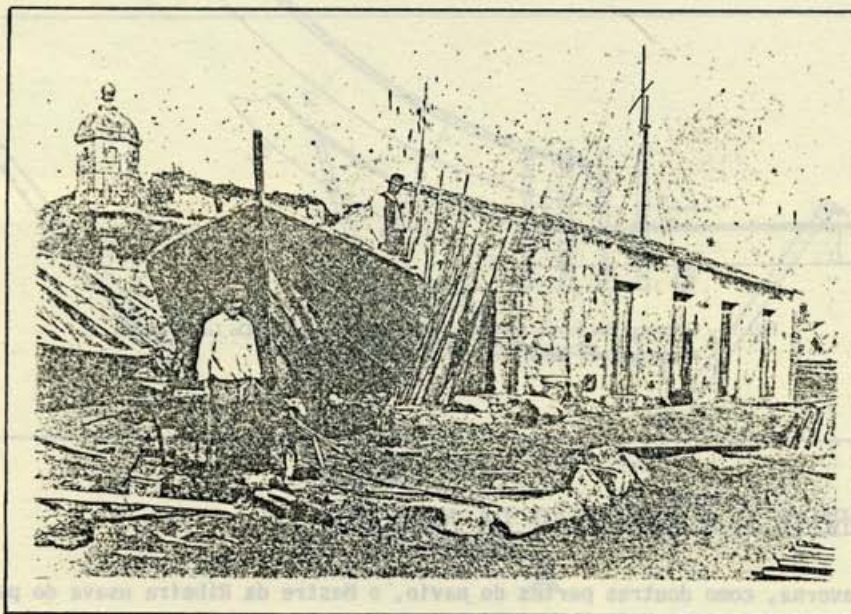
ALGUNS ASPECTOS DA SOBREVIVÊNCIA DA TÉCNICA DE CONSTRUÇÃO NAVAL DO SÉCULO XVI ENTRE OS CONSTRUTORES POVEIROS

1 - O MÉTODO GERAL DO TRAÇADO DAS CAVERNAS

E neste particular que encontramos maior número de pontos de contacto. Assim, conforme lemos na obra do Arq. Filgueiras, o Barco Poveiro (1964), o mestre poveiro começa por estabelecer o "quadro da caverna mestra", isto é, o quadrilátero que a circunscreve. Do mesmo modo, o Mestre da Ribeira, no século XVI, traçava primeiramente tal quadrilátero, então denominado "esquadria", e usava das "regras da esquadria", as quais incluíam a construção geométrica do quadrilátero e a determinação dos pontos definidores das curvas da caverna.

Esta esquadria tanto se aplicava aos grandes navios de alto bordo, como a todas as embarcações, desde o simples esquife da galé

gantim, a galizabra, a fragata, o batel, as observações do ras mostra que há com o modo de das cavernas" do Com a devida venia, excelente estudo está claramente mo o Mestre çado da caverna, der que muito e do "saber de Mestre. E tem quando escreve za básica das por comparações didas, apesar por mãos e olhos O mesmo fazia o



até o patacho, o ber-a caravela, a falua, etc. A comparação com Arq. Octávio Filgueira perfeita concordância construção do "quadro Mestre Poveiro. assinalamos que neste do Autor citado não descrita a maneira co Poveiro obtinha o tra mas parece-me depreen dependia da intuição experiência feito" do toda a razão o Autor que "ainda que a pure linhas seja mantida muito directas de medisso a glosa é feita de artista."

Mestre Quinhentista

da Ribeira das naus, se bem que mais cingido aos regimentos, os quais eram guias de limites que não impediam que o Mestre introduzisse as alterações ditadas pela sua experiência, que não se restringia apenas à construção, mas dependia muito de ter navegado nos navios que fabricava. E prova disto o mordaz comentário de três afamados Metsres da Ribeira, a propósito dos projectos dum oficial da Ribeira de Goa, em 1626, o qual obtivera do Conde Almirante boas recomendações para Sua Majestade. Tais Mestres, depois da crítica dos projectos, acabavam por escrever que "nē este omē tem espiensia nē da carga das náos nē da obra dellas, porque foi a india hũa so ves e ficou nella ategora - e não soube fazer hua estrinca digo hũa paopia Como quer acōselhar, e bolir cō as Camaras..." (1)

No século XVI, era assim construída a esquadria:

- linha de base, igual à maior boca e correspondente ao canto (2) inferior do chão da caverna mestra, e não à face superior da quilha, porque a caverna já tinha pé;
- perpendiculares nos extremos desta linha de base, de comprimento igual umas vezes à altura total da caverna, medida até o topo das aposturas da mareagem (3), e outras vezes até a altura da maior boca;
- linha da altura da caverna ou simplesmente da altura da boca maior, paralela à base, as quais nem sempre eram traçadas, porque bastava marcar nas perpendiculares os pontos destas alturas.

Nem sempre o traçado geométrico, segundo as regras dos regimentos, dá boa concordância dos arcos da caverna, mas isso não preocupava o Mestre da Ribeira, pois que, tal como o Mestre Poveiro, também ele corrigia a olho as diferenças. Assim, entre outros passos de vários manuscritos, citamos os seguintes do "Regimento do galeão de 14 rumos" das "Corosidades de Gonçalo de Sousa" (± 1600): o "Castello (terá) de cumprimento duas partes da boca de dentro arpa ate ponta da mura dante avante farão melhor o que lhe parecer..."; e "o braço rodara com a altura que tem aesquadria aporinhola dandolhe bojo a olho que lhe parecer para fora do Rol (4) e o quelhe melhor para bem do galião..."

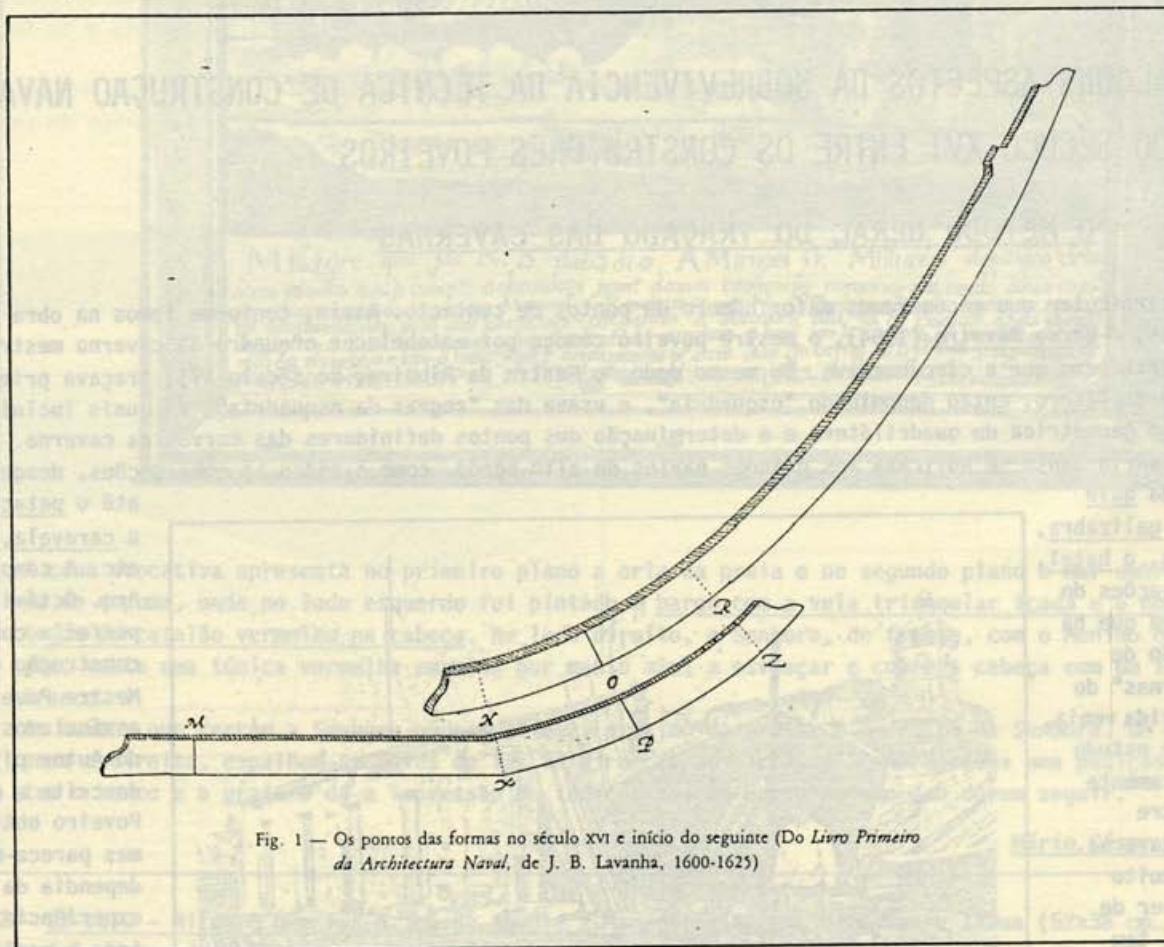


Fig. 1 — Os pontos das formas no século XVI e início do seguinte (Do Livro Primeiro da *Architectura Naval*, de J. B. Lavanha, 1600-1625)

2 - AS FORMAS E A MARCAÇÃO DA MADEIRA

Na traça da caverna, como doutras partes do navio, o Mestre da Ribeira usava do petipé, denominação que então tinha a representação de escala, e era a partir do desenho reduzido proporcionalmente que tirava as formas, no caso dos grandes navios ou embarcações menores de certo porte para cima. E, como o seu actual sucessor poveiro, riscava estas num terreiro plano, sobre tábuas delgadas, cuja largura não correspondia à da peça, tal como também usava o Mestre Poveiro. Nestas formas, assinalava ele os vários pontos de acerto das diversas partes da caverna, do mesmo modo que o Mestre Poveiro, o qual domina esses pontos "os firmes". No século XVI, tais pontos não tinham designação genérica e eram os seguintes:

- o ponto do côvado, ou 1.º ponto da caverna, o qual marcava a largura do fundo e a subida das pontas do chão da caverna (arrepimento);
- o 2.º ponto, determinado de maneira variável, conforme o tipo de traçado usado;

- o ponto da altura da maior boca, ou 3º.ponto, marcado nas perpendiculares dos extremos da esquadria;
- e ainda em muitos casos, um 4º.ponto, determinado por uma regra empírica que tem fundamento na simetria de certos pontos da curva da caverna;

O acerto da caverna e do braço fazia-se pelos pontos do côvado, mas o do braço com a 1ª. apostura e das outras aposturas entre si, fazia-se pelos pontos da altura das cobertas, assinalados nas diversas partes da caverna por uma projecção no canto interno, trapezoidal ou triangular, o dente, o que é uma peculiaridade da construção portuguesa e espanhola.

Não vemos na citada obra do Arq. Octávio Filgueiras como se havia o Mestre Poveiro para riscar a curva interior das peças da caverna, já que, à semelhança do Mestre quinhentista, também usava de formas sem a largura total da peça. No século XVI usava-se na Ribeira a "enxova", que era um esquadro cujo cateto menor completava o que faltava à forma para a largura total da peça e cujo cateto maior corria ao longo do bordo interno da forma. Outra perfeita concordância entre a técnica do Mestre Poveiro e a do Mestre da Ribeira do século XVI está no uso da mesma forma da mestra para traçar todas as outras cavernas, para o que ambos usavam o mesmo processo geral de determinação empírica das dimensões das peças.

Notas:

- (1) - Frazão de Vasconcelos: Subsídios, (Carreira da Índia), pág. 23;
- (2) - O lado externo ou interno da peça, paralelo à quilha, ou o lado superior e inferior. Face era a denominação dos lados voltados para a proa e para a popa;
- (3) - A borda que protegia os pavimentos abertos;
- (4) - Raio da curva.

João da Gama Pimentel Barata - Relações entre as técnicas de construção naval portuguesa do século XVI e dos mestres construtores poveiros, Comunicação apresentada ao "Colóquio Internacional de Estudos Etnográficos Rocha Peixoto", Póvoa de Varzim, 1966, IN "Boletim Cultural Póvoa de Varzim", Vol.VII-1, 1968, p.6-10.

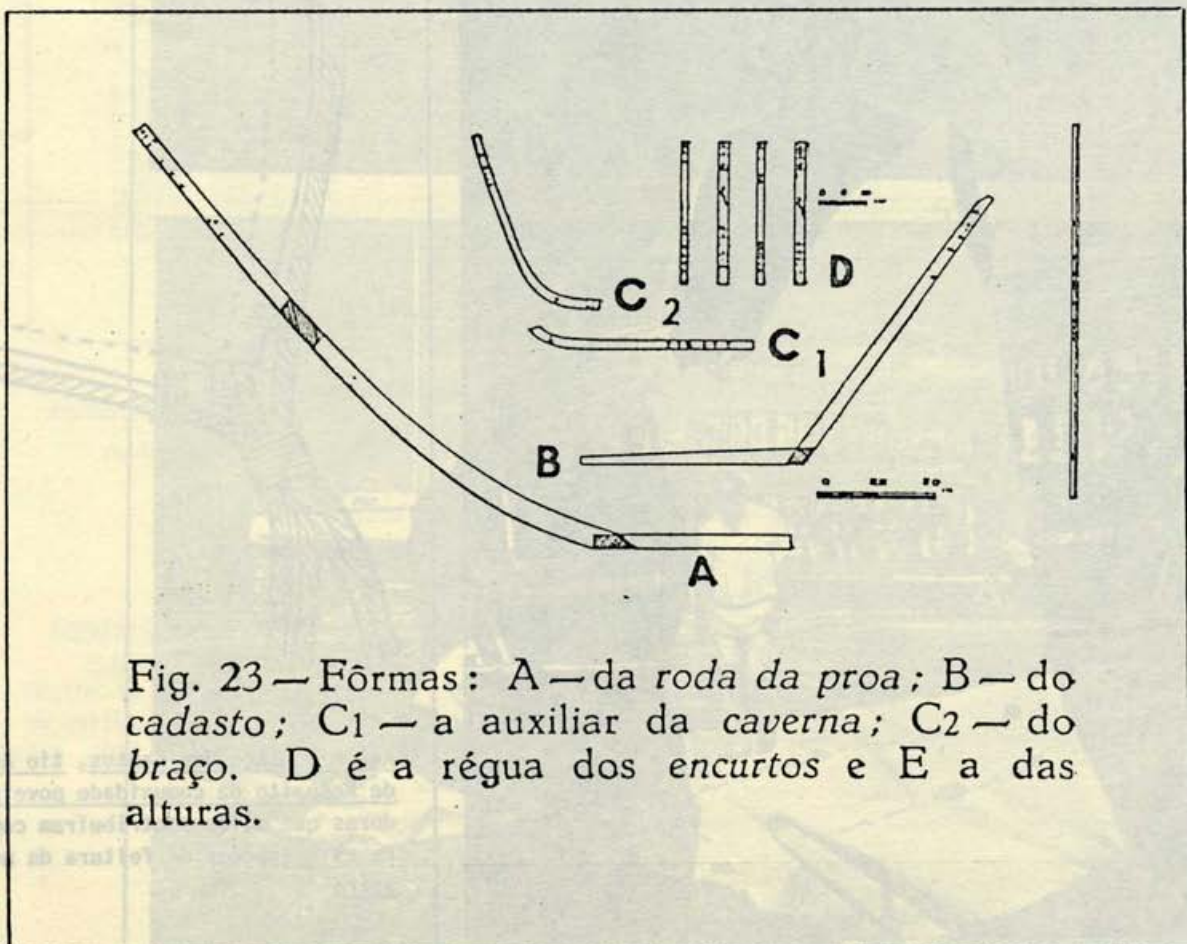
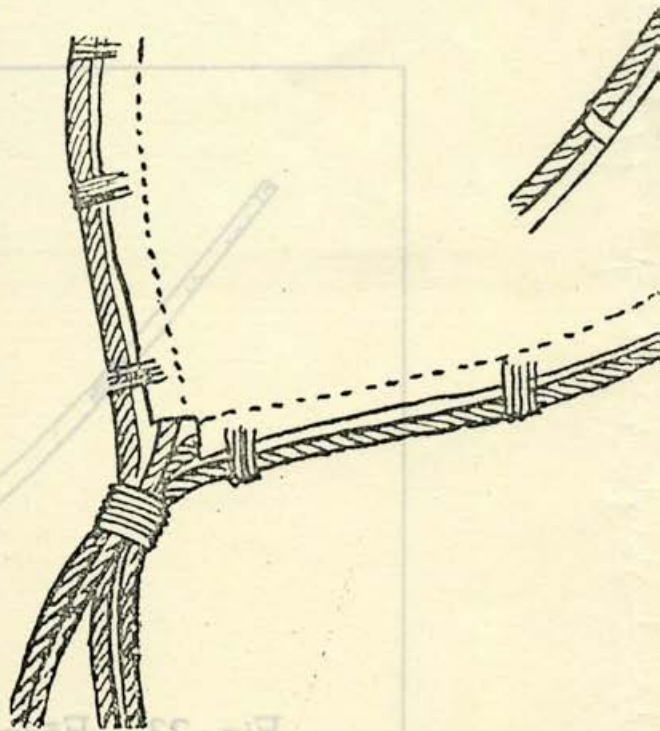
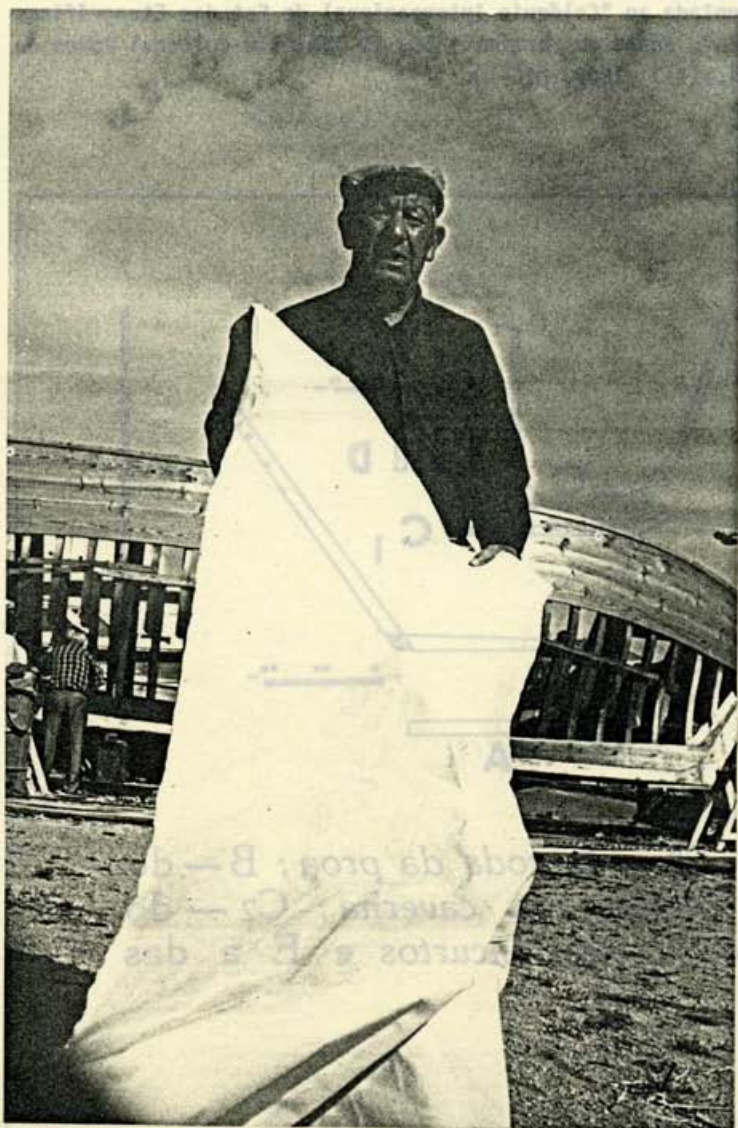


Fig. 23 — Fôrmas: A — da roda da proa; B — do cadastro; C₁ — a auxiliar da caverna; C₂ — do braço. D é a régua dos encurtos e E a das alturas.

IÇAM A VELA, QUA

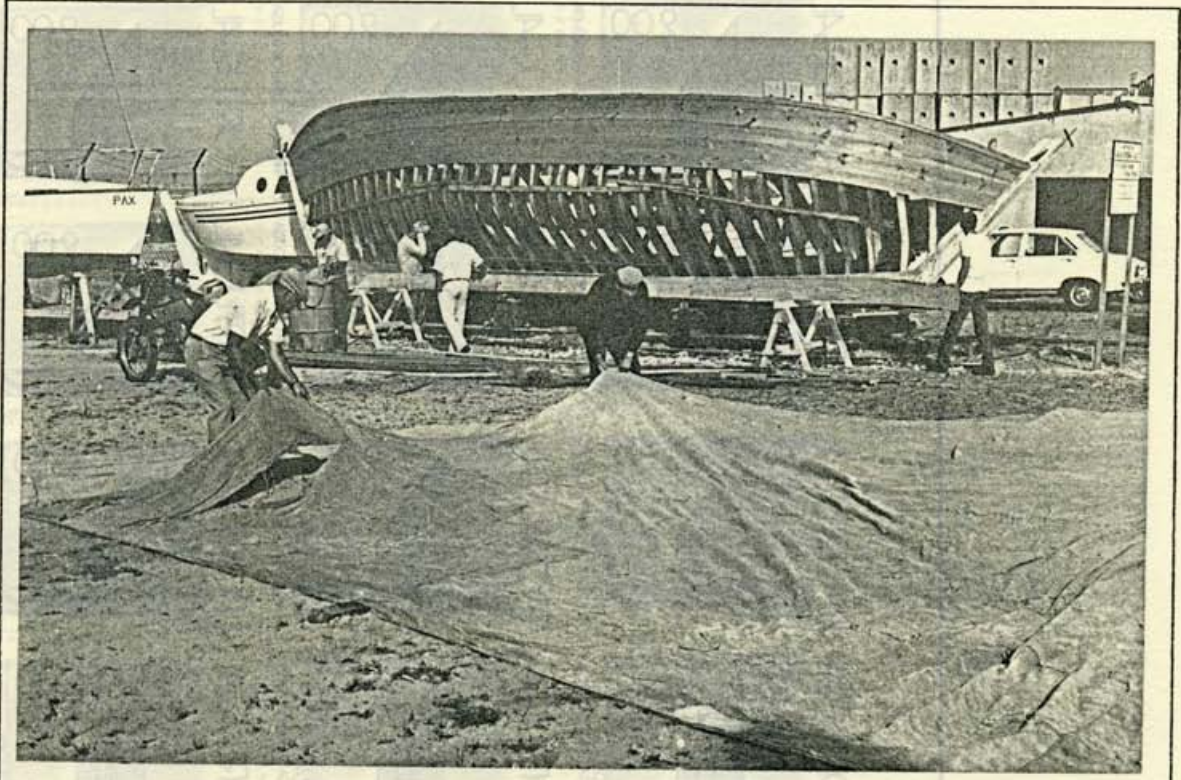
O pano é uma vela de pendão, de amurar a vante. Três dos seus lados têm nomes próprios: a testa, o da frente; a esteira, o inferior; e o sotavento, o posterior (ao cumeiro, não lhe dão nome nenhum). O pano, constituído por tiras compridas, verticais, cosidas umas às outras, - as folhas - remata por bañhas, dentro das quais uns cabos completam o reforço dado pelas "tralhas", outros cabos que fazem o debrum exterior e tomam os nomes dos lados respectivos: cabo da testa, cabo da esteira e tralha do sotavento, mais o do lado superior do pano, baptizado cabo da berça (!). O cabo da testa anda continuado pelo cabo da amura, que mura o pano à roda da proa, passando pelo buraco da amura, abaixo do capelo e do remate dos berduços; e a tralha do sotavento, pela iscôta, "a caçar o pano à ré". Para aliviar o esforço na testa e respectivo cabo, sugem o punho da berça (em pião) com a carregadeira, cabo que vai prender ao caramelho da proa. Para rinzar, "no tempo" (mau), dispõem de rinzes e dos inhões - os rinzes distribuem-se por três ou quatro andadas, no terço inferior do pano, sem "forras" paralelas, tendo cada andada por terminais, dois inhões, um na testa e outro, no sotavento: nos primeiros, enfia o punho da berça, a esta amarrando os segundos por meio duma alça, "cabinho que sai da nescença da iscôta, pois esta não sai do leme" (a escota não poderia ser usada para esse fim por que o chicote passa-lhe por um dos furos da cachola do leme, junto à cana do leme, e dá meia volta ao caramelho da ré, sem socar, por causa dos puxões do vento). Os inhões são formados, ou por "costuras de mão" do cabo da testa e da tralha do sotavento, ou por pontas de cabo fazendo alças independentes, presas em ilhozes, aplicadas sobre reforços.

O.Lixa Filqueiras (1964)

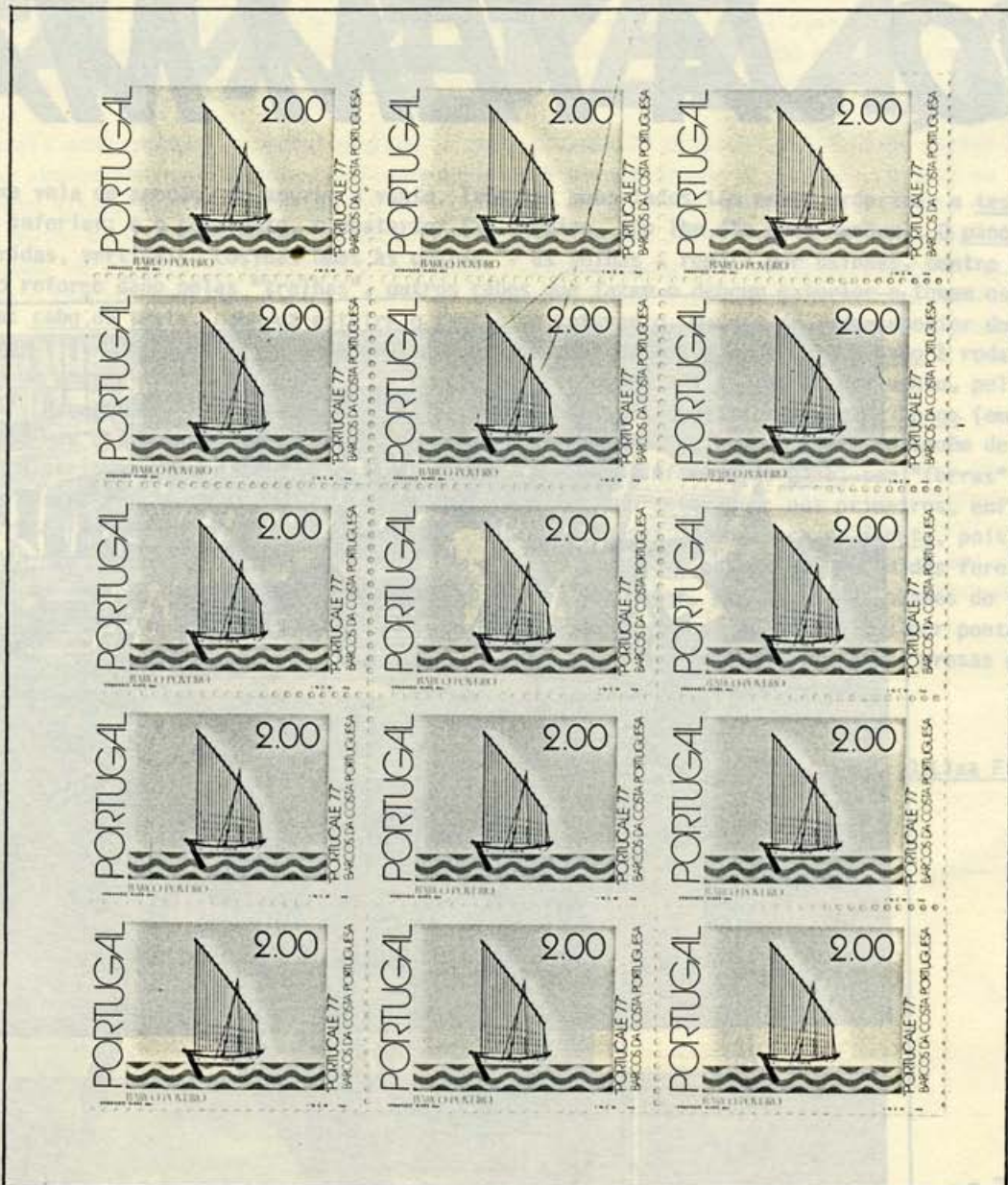


António Graça dos Santos, tio Antoninho - Homem de Respeito da comunidade poveira, um dos pescadores que muito contribuíram com o seu Saber para as operações de feitura da nossa Lancha Poveira

NUNDO JÁ TÊM MAR



O BARCO POVEIRO NA FILATELIA PORTUGUESA



1977 - 2ª. Exposição Mundial Temática "PORTUCALE-77", Barcos da Costa Portuguesa

Desenho: Armando Alves; Impressão: Litografados na INCM; Folhas: 5x10 selos;

Circulação: De 19 Nov. 1977 até 31 Dez. 1983;

Papel. Esmalte. "F", excepto no selo de 15\$00, e em todos os do Bloco.

Denteado. 12x11 1/2

IN "Selos Postais de Portugal

Açores Madeira Macau e

Pre-Filatélicos", 6ª. Edição,

Porto, Núcleo Filatélico do

Ateneu Comercial, 1990, p.110

CHEGOU O PANO PARA A VELA DA LANCHA POVEIRA!

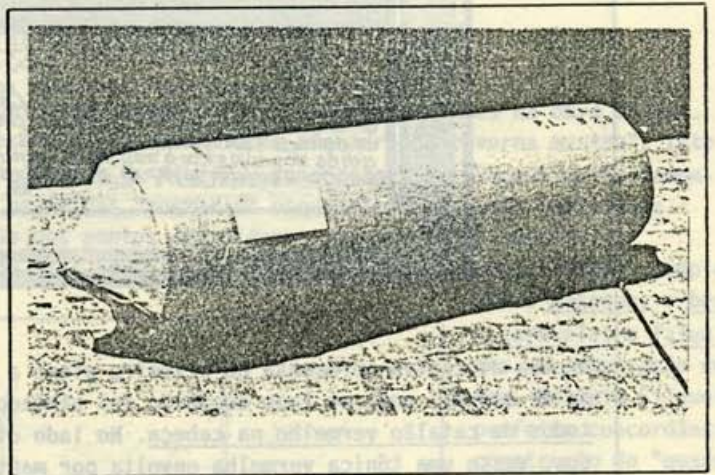
OFERTA GENTIL DA TEXTIL MANUEL GONÇALVES


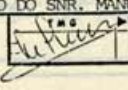
A extrema amabilidade com que o Clube Naval Povoense e o Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim foram recebidos pela Empresa Têxtil Manuel Gonçalves, acrescente-se e releve-se o interesse pessoal do Exmo. Sr. Dr. António Gonçalves, para quem as cousas do Mar e da Póvoa constituem já marcas indeléveis de uma paixão e de um relacionamento que tudo facilitou e tornou exequível.

Os cento e quarenta e sete metros de tela (100% algodão) destinados à feitura da grande vela da Lancha Poveira, traduzem uma das mais importantes contribuições técnicas e financeiras que recebemos até hoje. E não só pelo valor real da oferta mas, sobretudo, pela atenção cuidada e devotado interesse que foram desenvolvidos para manufacturar o pano da vela, seguindo com rigorosa fidelidade as características têxteis e de fabrico dos panos de vela tradicionais.

Os nossos agradecimentos abarcam também a colaboração e o acompanhamento directo do Exmo. Sr. Dr. José Caminha, a quem lembramos, ainda, a redacção oportuna de um breve relatório técnico sobre o fabrico do pano da vela da nossa lancha poveira.

E por falar em tão singular mecenato, talvez caiba aqui trazer, de novo, a lembrança da existência de listas de apoio que esperam a contribuição generosa de todos os poveiros e amigos da Póvoa.



 TEXTIL MANUEL GONÇALVES, S.A. Apartado 14 - 1, Esquina do Tejo - 4201 V. N. FANALUZÃO ESTOZ Telex: 32020 TMB P - 20438 TMB P - 20434 TMB P Telefone no Cabo do Reg. Com. de V. N. Fanaluzão, N.º 328 Capital Social: 10 000 000 000 000 - A.L.P. N.º 100383030		DATA ANO MÊS DIA 9 1 0 7 0 8 N.º 6912257 COD. MOVIMENTO 7 5 ARMAZÉM 6 9 COD. CLIENTE ENCOMENDA ESP. E
DESTINAÇÃO MUSEU MUNICIPAL DE ETNOGRAFIA E HISTÓRIA DA PÓVOA DE VARZIM Ref. V/ Encomenda <input type="text"/> S.L.P.C.N.º 680020071		
CODIGO DO ARTIGO 126 6		PISD COMERCIAL 1470 PISD BRUTO PISD LÍQUIDO STOCK 965 920 MARCAS
ROLOS	DESCRIÇÃO	LARGURA
1	PEÇA DE TELA 100% ALGODÃO (TELA PARA VELA)	
OFERTA		
ORVOUÇÕES		
FARDOS		
ROLOS DE MADEIRA M. A.		
LOCAL DE CARREGAMENTO: DEVEZINHA - REQUIÃO		DATA 9 / 07 / 08 HORA 9,30
LOCAL DE DESCARGA POSTO NAUTICO DO CLUBE NAVAL		DATA / / HORA
O.F. 706		POVOENSE
À ATENÇÃO DO SNR. MANUEL LOPES		
 TMG CLIENTE		

LANCHA POVEIRA DO ALTO

ELEMENTOS PARA UM REGISTO ICONOGRAFICO



A cena evocativa apresenta no primeiro plano a orla da praia e no segundo plano o mar embravecido, branco de espuma, onde no lado esquerdo foi pintado o barco com a vela triangular içada e 6 homens a bordo, todos de catalão vermelho na cabeça. No lado direito, a Senhora, de frente, com o Menino deitado nos braços, veste uma túnica vermelha envolta por manto azul a esvoaçar e cobre a cabeça com um lenço de cor branca.

As nuvens que cercam a Senhora pousam no mar, próximo da praia, e do rosto da Senhora, um tanto voltado para a direita, espalham-se raios de luz em direcção ao barco. A Senhora ocupa uma posição intermédia entre o barco e a praia e dá a impressão de indicar aos do barco o rumo que devem seguir.

Mário César Marques (1969)

- 2 - EX-VOTO - Milagre que fes N.Sra.da Abadia a Manoel Milhazes, óleo sobre tábua (52x38 cm.).
Col. Museu do Santuário de Nossa Senhora da Abadia.

NOTÍCIAS DA LANCHÁ

Propriedade: Clube Naval Povoense / Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim

Redacção: Museu Mun.Etn.Hist.P.Varzim, Rua do Visconde, tel. 622200 - 4490 Póvoa de Varzim

Serviço de Documentação e Composição: Bibl.Mun."Rocha Peixoto", Praça Lufs de Camões, 15, tel.684340 - 4490 Póvoa de Varzim